

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“Júlio de Mesquita Filho”

Instituto de Artes - Campus São Paulo

BEATRIZ SOARES RODRIGUES

**UM BEIJO DADO MAIS TARDE:
CAMINHOS DO AMOR NA EXPERIÊNCIA ARTÍSTICA**

São Paulo

2025

BEATRIZ SOARES RODRIGUES

**UM BEIJO DADO MAIS TARDE:
CAMINHOS DO AMOR NA EXPERIÊNCIA ARTÍSTICA**

Trabalho de conclusão de curso apresentada à banca examinadora para graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes Universidade Estadual Paulista (Unesp) como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em artes visuais.

Orientador: Profa. Dra. Rita L. Bredariolli.

São Paulo

2025

BEATRIZ SOARES RODRIGUES

UM BEIJO DADO MAIS TARDE:
CAMINHOS DO AMOR NA EXPERIÊNCIA ARTÍSTICA

Trabalho de conclusão de curso apresentada à banca examinadora para graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes Universidade Estadual Paulista (Unesp) como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em artes visuais.

Orientador: Profa. Dra. Rita L. Bredariolli

Trabalho de conclusão de curso aprovado em 24/11/2025

Banca Examinadora

Ficha catalográfica desenvolvida pela Diretoria Técnica de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da UNESP. Dados fornecidos pelo autor.

R696b Rodrigues, Beatriz Soares, 2000-
Um beijo dado mais tarde : caminhos do amor na experiência artística /
Beatriz Soares Rodrigues. – São Paulo, 2025.
58 f. : il. color.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rita Luciana Berti Bredariolli.
Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Artes Visuais) –
Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, São Paulo.

1. Arte. 2. Amor. 3. Criação (Literária, artística, etc.). I. Bredariolli, Rita
Luciana Berti. II. Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de
Artes, São Paulo. III. Título.

CDD 701

Bibliotecária responsável: Luciana Corts Mendes - CRB/8 10531

Profa. Dra. Rita L. Bredariolli (Orientadora)

Me. Caio Bonifácio (USP)

São Paulo

2025

Tens que começar numa palavra. Numa palavra qualquer se conta. Mas, no ponto-voraz, surgem fugazes as imagens. Também lhes chamo figuras. Não lighes excessivamente ao sentido. A maior parte das vezes, é impostura da língua.

*4º capa do romance Um beijo dado mais tarde
de Maria Gabriela Llansol*

Resumo

A pesquisa constrói-se através de um fluxo poético e reflexivo que entrelaça arte, memória e amor. A pesquisa parte de experiências pessoais e afetivas, investigando o amor como força movimento da arte e da vida. Os textos em forma de ensaios combinam poesia e reflexão sobre o processo poético durante a criação artística, iniciando com “E o recorrente tema do amor...”. Em “Beijo na boca de língua na era da reprodutibilidade técnica” apresenta-se um diálogo com o conceito de reprodutibilidade de Walter Benjamin articulada a partir dos atravessamentos da leitura em minha prática, explorando a serigrafia e a reprodutibilidade técnica como gestos de partilha e encontro. Em “Imagens de amor” literatura e visualidade se aproximam em vista do amor, corpo e a imagem a partir do livro Autobiografia do vermelho de Anne Carson e o filme Tongues Untied [Línguas desatadas] de Marlon Riggs. Em sua conclusão surgem as imagens que se expandem entre o amor, a partilha e arte. Entre outras referências que possibilitaram a construção desta pesquisa estão Susan Sontag, Anna Tsing e Glória Anzaldúa.

Palavras-chave: Amor, arte, imagem, palavra, memória.

Abstract

This study intertwines art, memory, and love through a poetic and reflective flow that its build from personal and affective experiences, investigating love as a driving force in art and life. The essays combine poetry and reflection on the poetic process during artistic creation, beginning with "And the recurring theme of love...". In "A kiss on the mouth with tongue in the age of technical reproducibility," a dialogue is presented with Walter Benjamin's concept of reproducibility, articulated from the intersections brought in my art process, exploring screen printing and technical reproducibility as gestures of sharing and encounter. In “Images of love,” literature and visuality converge in the context of love, body, and image, drawing from Anne Carson’s book The Autobiography of Red and Marlon Riggs’ movie Tongues Untied. In conclusion, images are expanded between love, sharing and art. Among other references that enabled the construction of this research are Susan Sontag, Anna Tsing, and Gloria Anzaldúa.

Keywords: Love, art, image, word, memory.

Sumário

1. Introdução: carta ao leitor	11
2. E o recorrente tema do amor...	16
3. Beijo na boca de língua na era de sua reprodutibilidade técnica	29
4. Imagens de amor	36
5. Conclusão	40
Referências	48
Créditos das ilustrações	50

1 Introdução: carta ao leitor

É bem verdade que, passei o ano viajando, bebendo em botecos e buscando o que quer que fosse me tirar da penosa tarefa de escrever. Ler me faz dizer então quando preciso de silêncio largo os livros, preciso escutar tudo menos uma voz, tudo menos minha voz. E sem querer, quase me afogo na própria quietude do eu. Similar à quando apostava com um irmão quem segurava a respiração por mais tempo com a cabeça enfiada na pia do banheiro cheia de água, quis testar quanto consigo viver sem o essencial. Mas minha lua é em escorpião e, se não sabe, posso continuar remoer a escrita como a mais difícil tarefa do escritor até o osso, criei o borbulho mais quente para viver na Amazônia dos meus pensamentos e acho que estou cada vez mais próxima do oculto. Se chegou a hora de escrever, devo ler.

Lista o que fazer antes de escrever, com P

Plantar bananeira

Pesquisar sinônimos dos seus verbos favoritos

Pensar

Lista do que fazer para não escrever, com L

Leia menos

Há um tempo penso na espiral como forma do tempo, certamente a pesquisa da professora Leda Maria Martins acendeu um caminho bailarino em mim¹ Como posso entender as digitais do meu dedo, os cachos de cabelo, unhas, plantas, conchas, galáxias, DNA? Dessa geometria que encanta e apavora o consciente não me interessa descobrir sua existência primordial, melhor, me divirto em perceber minha trajetória de vida em espiral. Seja nos pavorosos momentos que sou tão parecida com os meus pais ou nas minúcias engraçadinhas de observar o outro espiralando sem saber ser, como eu.

Entre 2024 e 2025 envolvi um projeto de iniciação científica, uma pesquisa que se voltava para minha história e meu território na vontade de retornar, escutar e atualizar registros e memórias. Com esses objetivos, meu caminho investigativo foi cartográfico e cheio de lacunas, que me levaram a questionar: o que podemos concluir dessa mancha em branco? Para tal, os vazios também devem ser lidos e interpretados.

1. Refiro-me ao livro Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela, publicado em 2021. Porém meu primeiro acesso aos conceitos de Leda Maria Martins se deram em 2022, na disciplina de Estado, Sociedade e Educação, ministrada pelo Professor Levi Fernandes, com a leitura do texto Performances da oralitura: corpo, lugar de memória, texto transcrito da palestra na XXXI Semana de Letras – VII Seminário Internacional de Língua e Literatura, depois, em 2023, tive o prazer de escutar seus ensinamentos por encontros e conversas durante a 35º Bienal de Arte de São Paulo: coreografias do impossível.

Por se tratar do desconhecido, esse vazio é tangente à dúvida e frustração e reflete o meu trajeto ao encarar o primeiro vazio: pensar em mim. Há uma dimensão da realidade em que ela se apresenta como processo de criação, como poíesis, o que faz com que, em um mesmo movimento, conhecê-la seja participar de seu processo de construção (Kastrup; Passos, 2009). Apresento esse trabalho escrito caminhando junto a algumas obras de arte produzidas nos últimos anos e acabo me conhecendo no processo.

Uma pausa. Uma frustração, há uma certa experiência em explicar meus fundamentos que, por algum motivo, não consigo escrever até porque a condição escorregadia do pensamento me escapa. Olho o caderno à minha direita e no topo da folha uma lista com as principais referências deste trabalho, além dos detalhamentos nas referências bibliográficas suas atribuições ultrapassam pontualidade a afetam as minhas escolhas ao encarar o mundo entre paixões, descobertas e desejos. Glória Anzaldúa me dá coragem.

Por que sou levada a escrever? Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falam, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia. Para desfazer os mitos de que sou uma profetisa louca ou uma pobre alma sofredora. Para me convencer de que tenho valor e que o que tenho para dizer não é um monte de merda. Para mostrar que eu posso e que eu escreverei, sem me importar com as advertências contrárias. Escreverei sobre o não dito, sem me importar com o suspiro de ultraje do censor e da audiência. Finalmente, escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho um medo maior de não escrever. (Anzaldúa, G. 1981, p. 171)

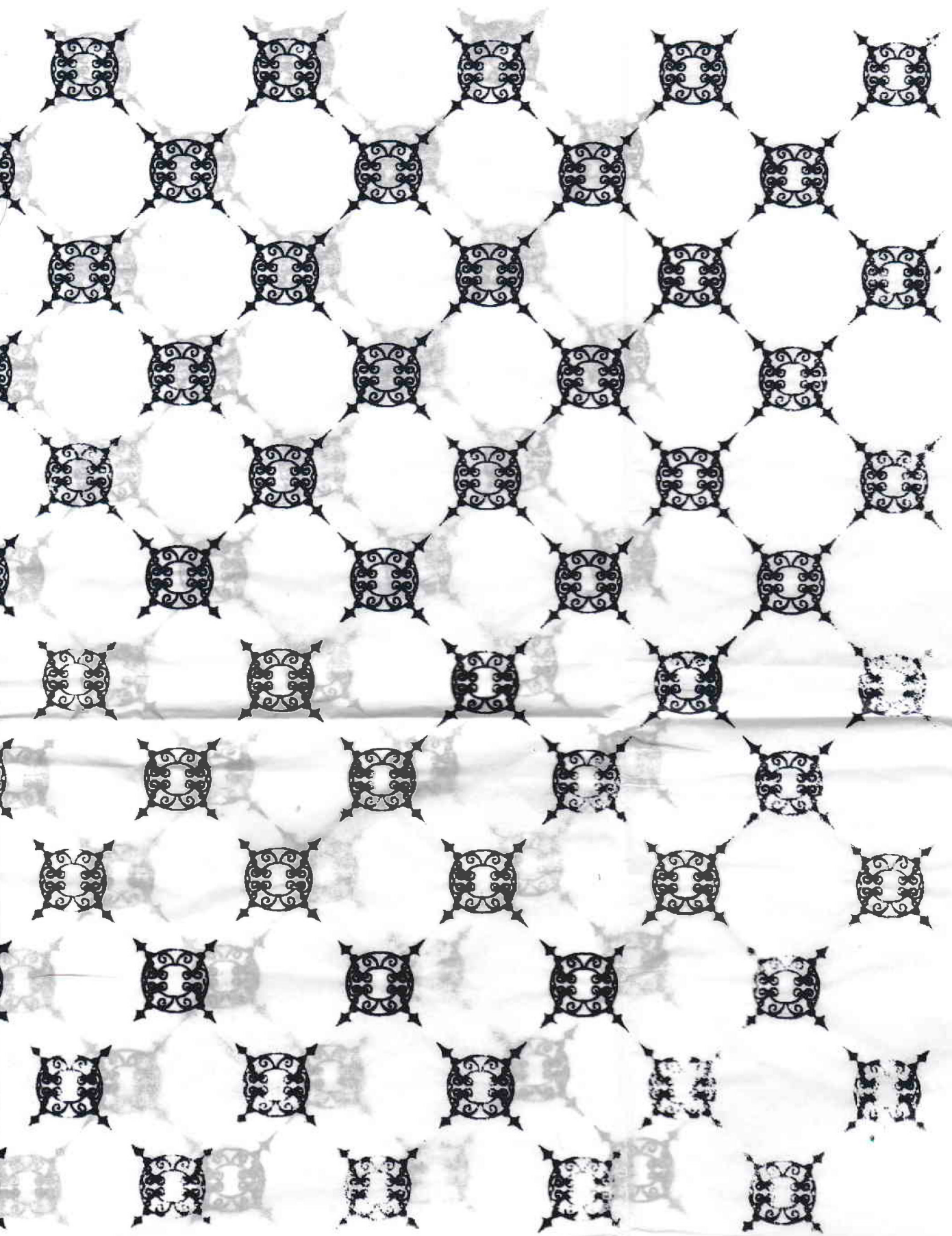
Anne Carson mostra amor além do que pode ser declarado, que vale a pena guardar como segredo — talvez seja Gerião que faça isso em Autobiografia do vermelho, mas esta é uma assimilação individual próxima ao que faço com Mary Shelley e a Criatura, somos sempre o protagonista — também é a autora que me faz escrever ao ler, sua poesia e cuidado à forma inspira de sobremaneira que necessito me expandir ao mundo, por escrita ou desenho. As imagens que Sontag descreveu em Diante da dor dos outros permanecem comigo desde a leitura anos atrás, retorno à obra como quem busca discernimento do gosto iminente na ponta da língua, pensando sobre fotografias e imagens. Anna Tsing abre as portas da minha imaginação, seus ensinamentos do capítulo do livro Cogumelo no fim do mundo: A arte de notar são um respiro às novas ferramentas de percepção para notar entre as frestas e pensar em conjunto.

Nos capítulos seguintes reúno obras que fiz ao longo dos últimos anos e percebo a expressão do amor de muitas formas, memórias e cores. Em Beijo na boca de língua na era de sua reprodutibilidade técnica, estabeleço um diálogo entre as reflexões durante o

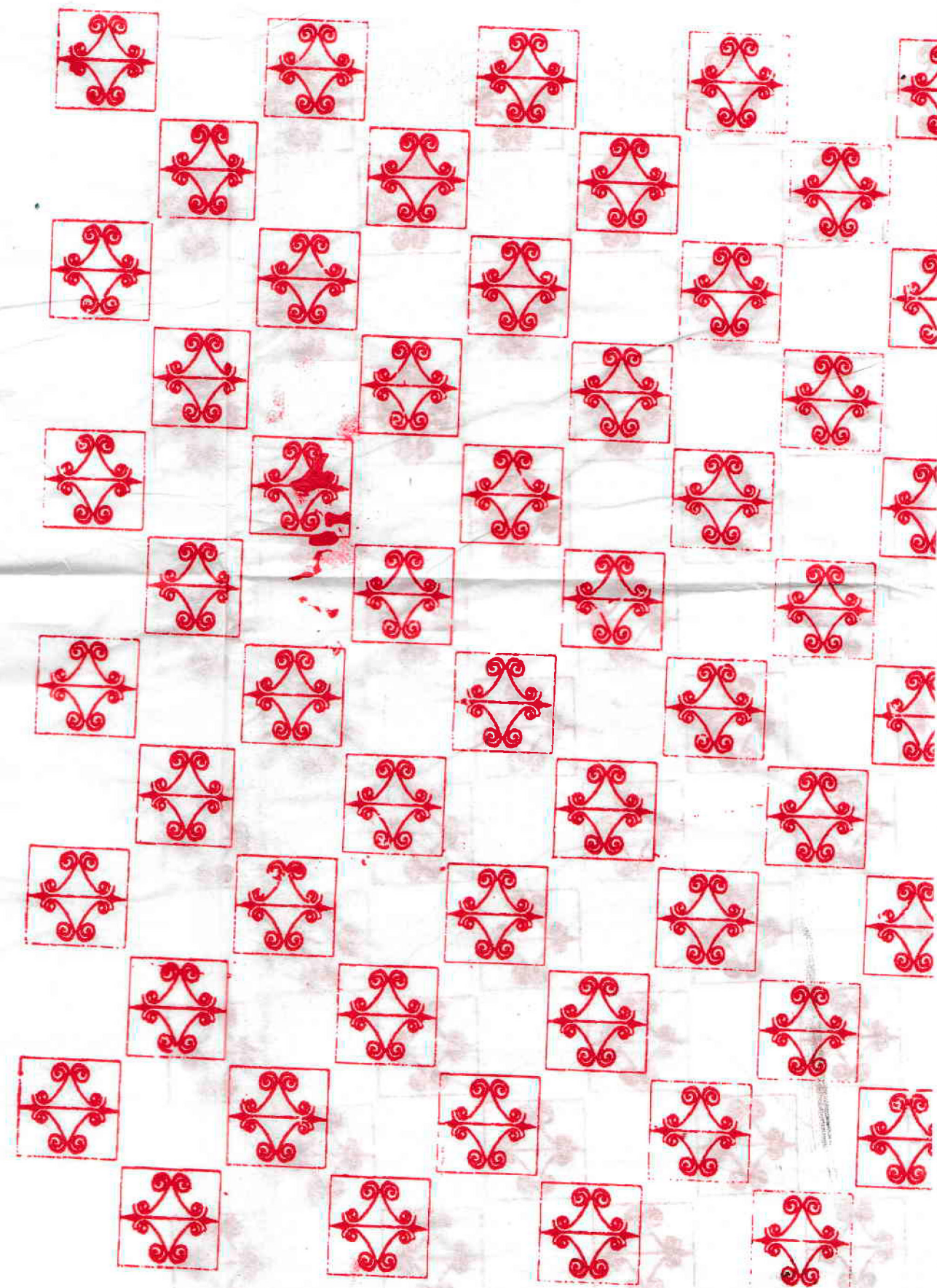
meu processo poético e os escritos de Walter Benjamin à respeito dos conceitos de aura e reprodutibilidade em A Obra de arte da era de sua reprodutibilidade técnica, no qual o autor compreende e relaciona as convulsões sociais em vigor de sua época às transformações contemporâneas da faculdade perceptiva, neste texto espero revelar as fervilhações do meu pensamento articuladas pela leitura de Benjamin. Inspirada pela obra de Anne Carson, Autobiografia do vermelho, e o filme *Tongues untied* [Línguas desatadas] de Marlon Riggs, uma escrita poética cria o ritmo entre narrativa, palavras e imagens no quarto capítulo Imagens de amor.

Entre os caminhos traçados ao longo do processo de realização deste trabalho, seja nas normas acadêmicas aplicadas ou com os exercícios de escrita, a palavra — que tomei muito gosto ultimamente — é uma potente ferramenta de comunicação. Próxima ao fim da graduação, do ano e da pesquisa me parece digno deixar as imagens aparecerem, assim, as Considerações finais apresentam imagens em expansão da minha atual produção artística. Em uma tentativa de me comunicar, dizer.

Dessa forma, abro com um convite à leitora para habitar o que não sabe, sendo carregada pela brisa das formas e palavras. Este momento soma-se à minha formação, à minha história como uma experiência, que se acumula a tantas outras e cria aquilo que são minhas narrativas pessoais de como entendo a arte. Começemos com amor.



[fig 1]



[fig 2]

2 E o recorrente tema do amor...

Ao lado da casa que eu nasci há uma casa de pedras azuis, na frente dela um portão alto e protetor azul cheio de desenhos³, lá morou um senhor; ao lado da casa azul tem uma casa lilás feita de pedras lilás na frente da casa, um portão lilás baixinho e reto não têm desenhos apenas linhas verticais, lá morava uma senhora. O portão da minha casa era prateado, do topo dele lanças pontiagudas saiam de maçanetas redondas.

Meus vizinhos já eram velhos quando eu cheguei, assim pensei quando era criança, terríveis, daqueles que furavam a bola se caísse no quintal deles, odiosos, fediam cigarro e mofo.

A primeira vez que eu estive próxima da morte, por dois dias, contanto que estivesse em casa, duas camadas de paredes separaram nossa reunião. Logo na casa lilás a senhora também morreu.

Então pensei na repetição das coisas, que se não fosse coincidência engraçada deveria ser poder forte de alguém. As coisas se repetem pelo mesmo sentido que existe a morte, imagens, memória e as palavras.

O portão azul desenha complexos emaranhados Sankofa, adinkra parte de uma tecnologia de comunicação por ideogramas passada da sabedoria do povo Ashanti e presente na cultura afro-brasileira (Silva, 2023). A representação imagética Sankofa pode ser como um pássaro com a cabeça voltada para trás ou como um coração.



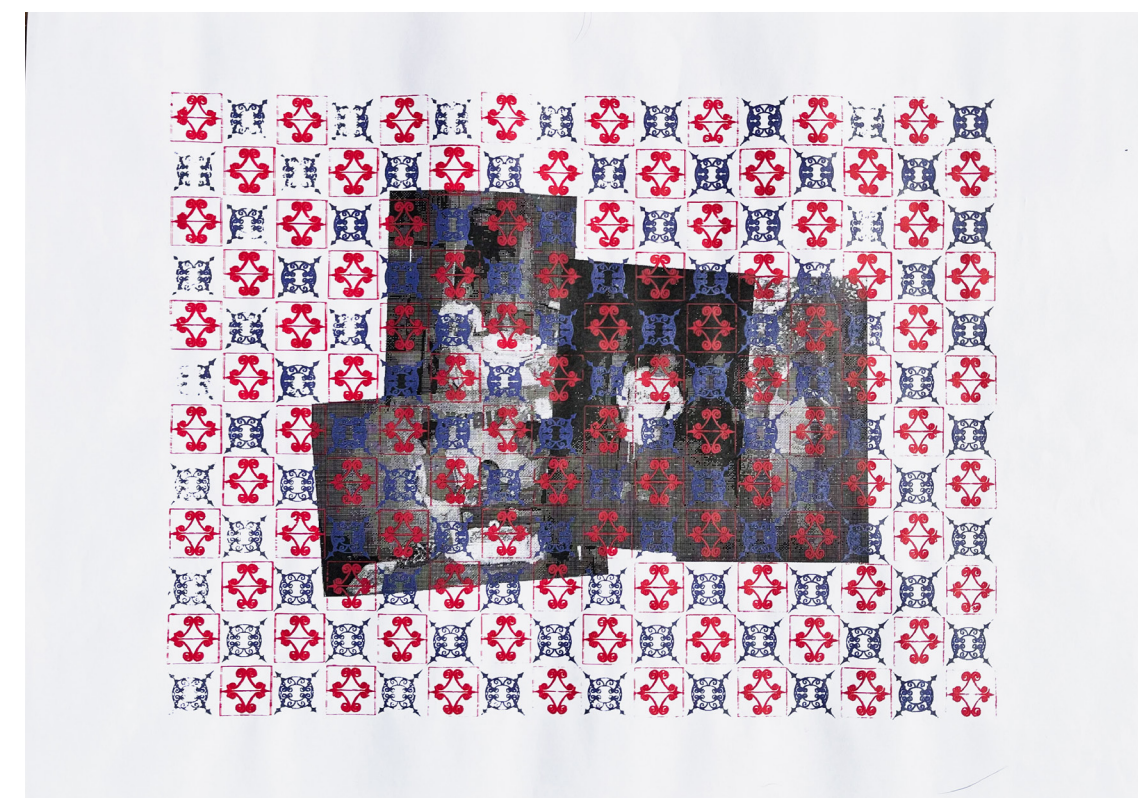
[fig 3]



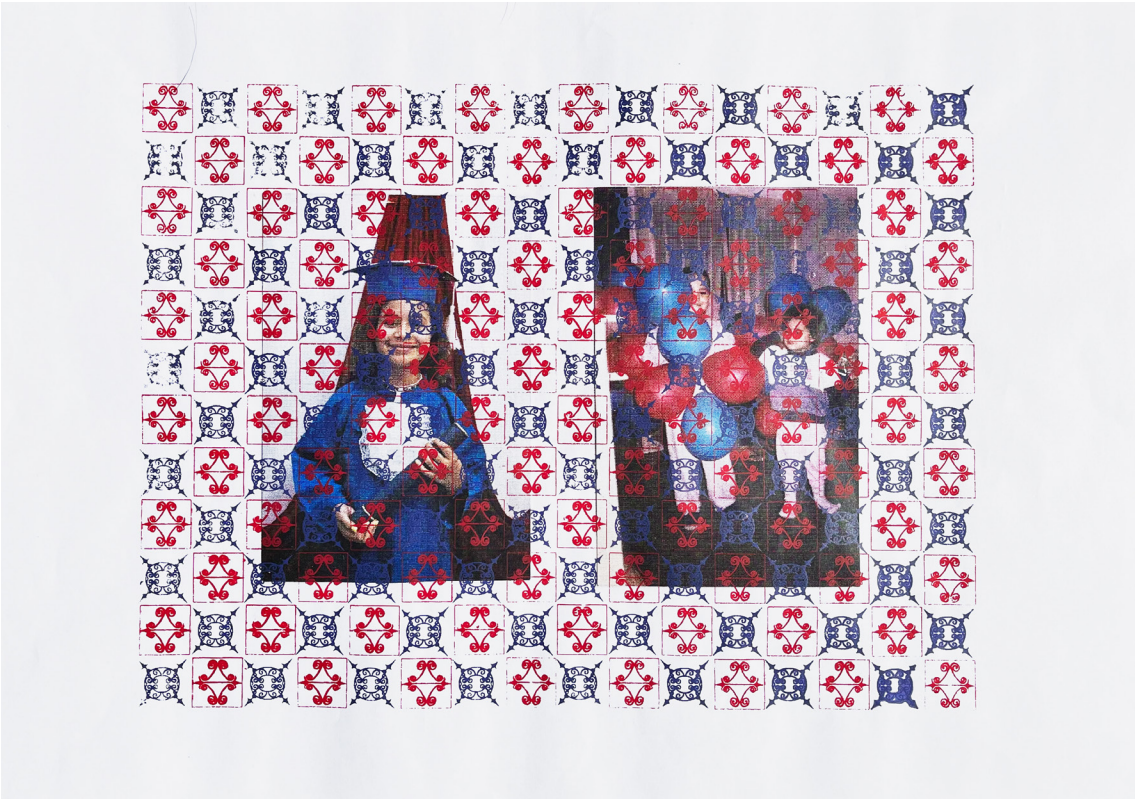
[fig 4]

O provérbio associado à Sankofa é “Se wo were fi na wo sankofa a yenky”, cuja tradução seria “não é errado voltar atrás pelo que se esqueceu”. Sankofa simboliza o retorno ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro, dois corações Sankofa formam o Adinkra Asase ye Duru “a terra tem peso”. Esses símbolos estão bastante presentes em portões e grades de casas brasileiras até hoje, sua evocação estampada resgata a mensagem de seus significados.

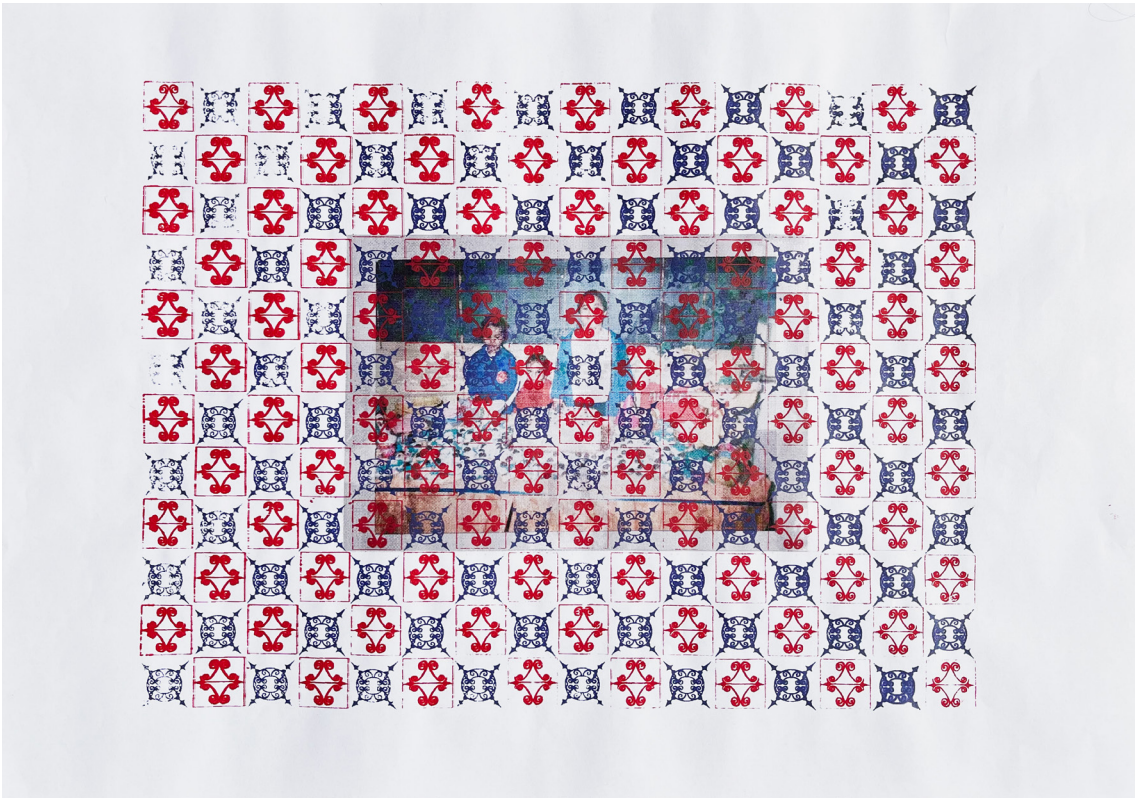
Amor (fig. 1) e Saudade (fig. 2) dizem de onde eu sou “cheguei no padrão dos portões de onde eu moro, quero colocar eles numa caixinha” leio escrito em um antigo caderninho, acho que quis dizer que quero me lembrar deles. Quando penso o que a saudade e o amor já me deram na vida o presente é memória.



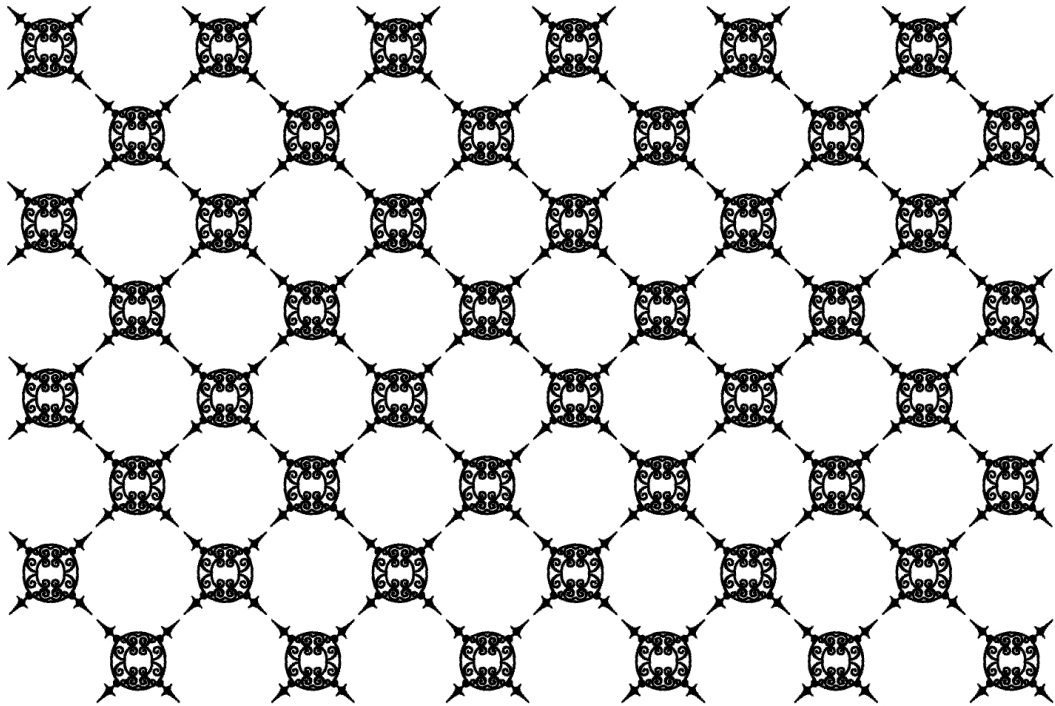
[fig 5]



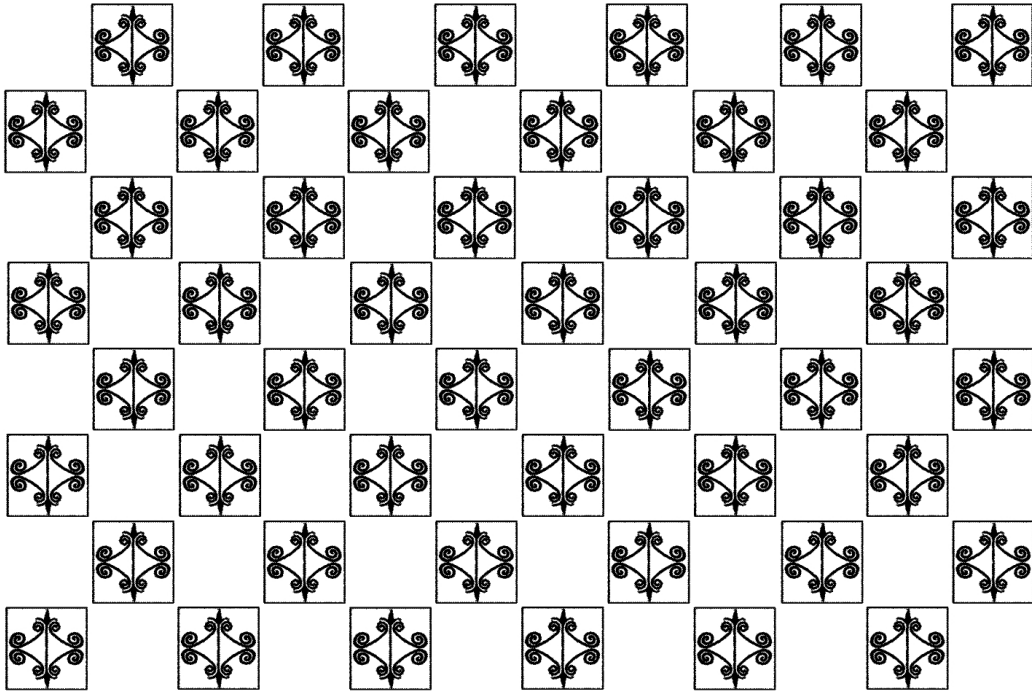
[fig 6]



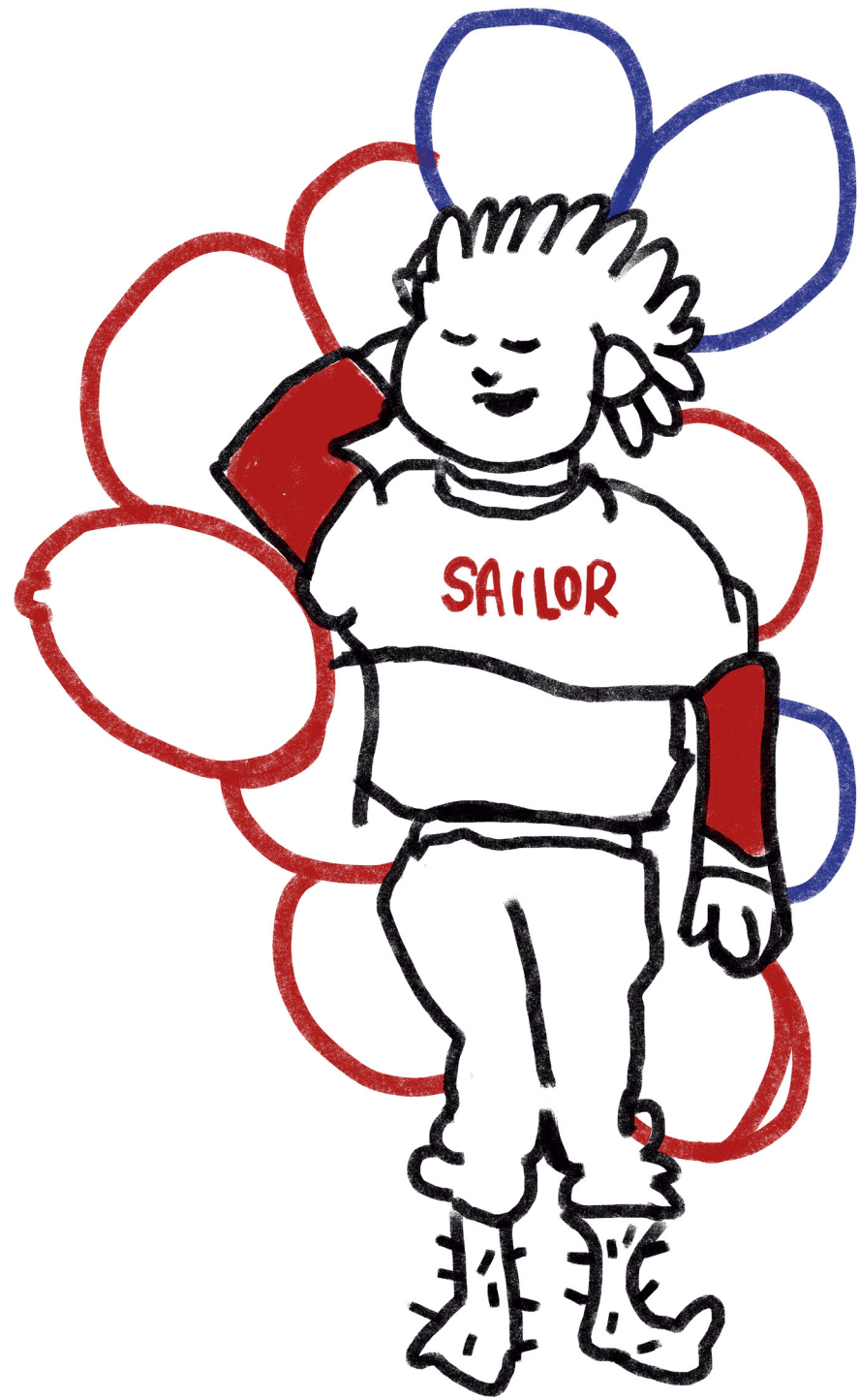
[fig 7]



[fig 8]



[fig 9]

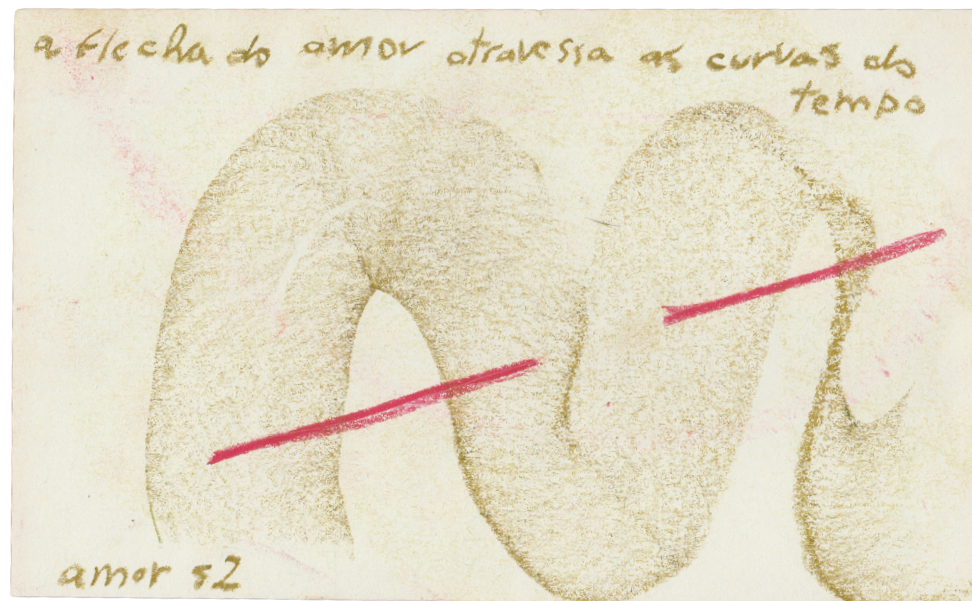


[fig 10]



[fig 11]

Vejo que sempre encarei o desenho como uma mensagem a ser comunicada. Tenho algo a dizer que as palavras organizadas em oração não habilitam, cores e formas explicam melhor.



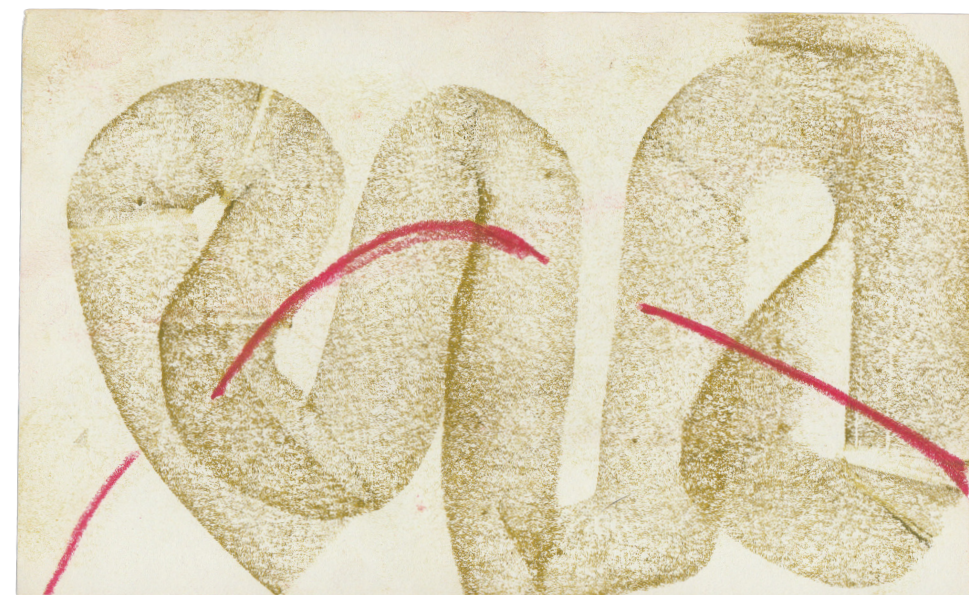
[fig 12]



[fig 13]



[fig 14]



[fig 15]



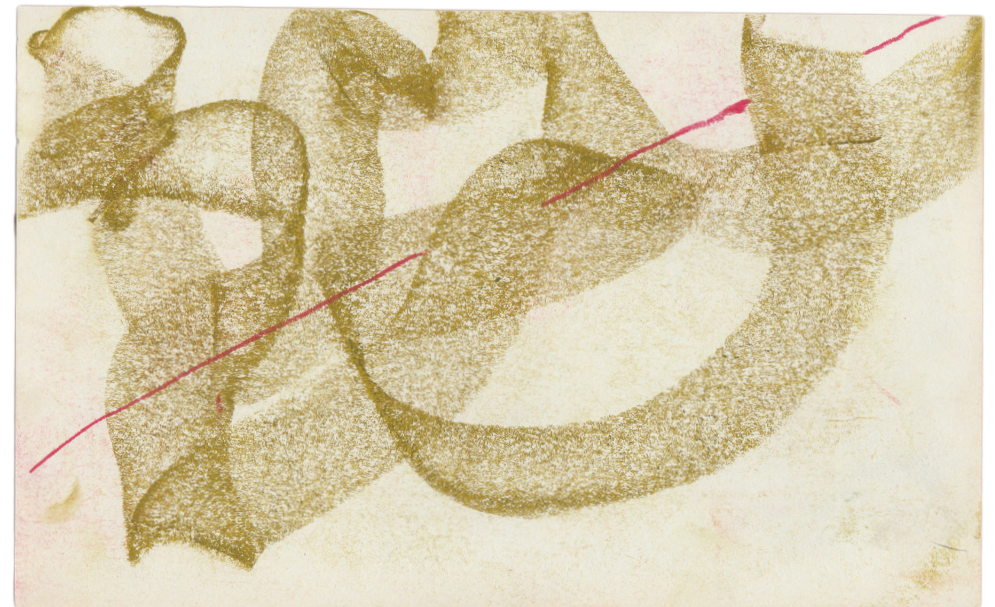
[fig 16]



[fig 17]



[fig 18]



[fig 19]



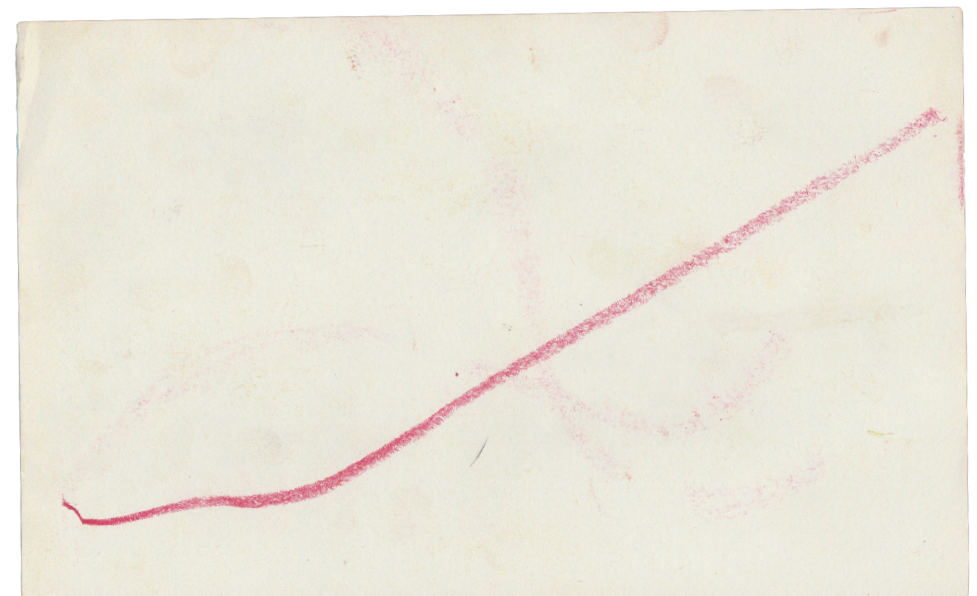
[fig 20]



[fig 21]

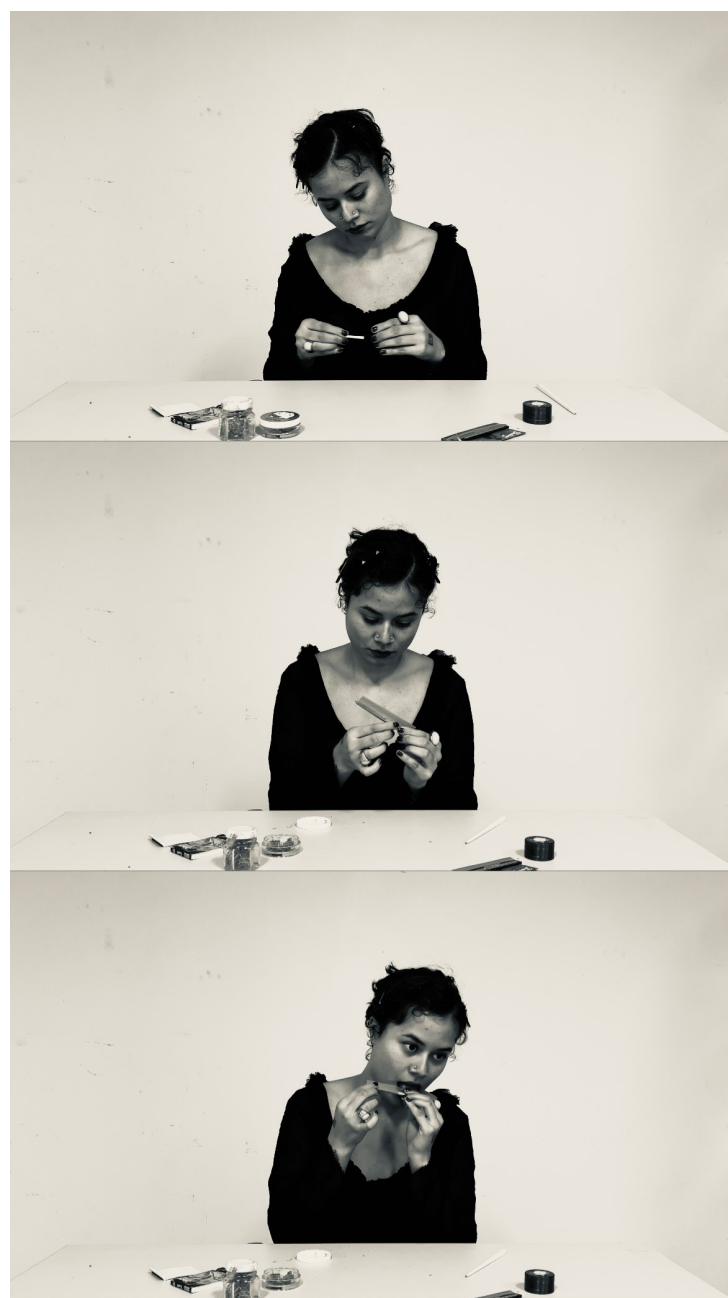


[fig 22]



[fig 23]

Na vídeo-performance “Lê o que vc vê e parar de se explicar” (fig. 24) encontro a palavra. Durante sete minutos, entre interrupções por um carro de corrida ou um secador de cabelos, descarrego um turbilhão de palavras e barulheiras. A trilha sonora parte da edição de um áudio original de 24 minutos e entender o assunto que eu trtato a partir do vídeo não é possível, muito menos relevante. É uma viagem à tantos lugares, encontro muros tentando falar o que sinto sobre algo que me assombra. Trata-se de um descarrego enquanto bolo um cigarro, sentada sob um fundo branco, de cabelos presos e roupas pretas, palavras jorram.



[fig 24]

3 Beijo na boca de língua na era de sua reprodutibilidade técnica

Um dos primeiros textos recomendado nas aulas da graduação foi “A obra de arte da era de sua reprodutibilidade técnica” de Walter Benjamin. Recentemente, anos depois, reli a primeira versão do texto publicada em português no Brasil em 1969, no caso, essa é a segunda versão alemã, que o autor começou a escrever em 1936 e foi publicada em 1955. Pensar no texto de Benjamin me faz pensar nos primeiros anos da faculdade, época de inícios marcada pela pandemia do covid-19, um tempo de muita confusão e pouca simpatia. Lembro que da leitura do texto mais perguntas do que respostas foram criadas, não conhecia muitos dos conceitos apresentados e não conseguia relacioná-los à experiências próprias pois nada parecia ter me tocado a ponto de ser lembrado.

Hoje, algumas anotações se juntaram à experiências de fazer e presenciar arte, em uma fervilhação de ideias com a leitura do texto. Apresento-as aqui em forma de reflexões pontualmente enredadas do meu processo de arte.

Tenho o hábito de assistir filmes e ler livros mais de uma vez, mas esse hábito segue um critério: uma memória impaciente de uma cena ou passagem específica deve rodear minha mente para acionar minha curiosidade, essa memória busca verificação e me movimenta ao retorno dessa mídia. É engraçado pois uma memória impaciente pode rodear minha cabeça, também, no caso de histórias contadas, como quando um parente mais velho conta uma história da sua infância e sua mente parece viver a contação. No meu caso, quando meu irmão conta a história de como eu fui proibida de chegar perto de tesouras sem supervisão dos seis aos onze anos, consigo me ver no espelho cortando as mechas do meu cabelo para criar uma franja bem, bem curta, mas sinto que essa visão existe segundo tantas vezes que escutei a história. Diferente do livro ou do filme, não consigo voltar no tempo e reviver essa história, permaneço com essa incerteza pois é ela que existe. A leitura do texto de Benjamin anos atrás criou reflexões que minha mente parece ter guardado e renasce dentro da vivência em ateliê.

Mas porque? Porque penso na obra de arte em sua reprodutibilidade técnica com beijo na boca de língua? (fig. 25)

No texto, Benjamin não trata especificamente do processo de impressão serigráfica, aborda a relevância de tecnologias como a xilogravura, sendo a primeira técnica reprodutível do desenho, e da imprensa como reprodução técnica transformadora da escrita, daí pra frente litografia e fotografia também são notadas como outras técnicas desenvolvidas na história. A conexão a partir da serigrafia parece forçada, talvez não seja sobre a técnica mas sobre a reprodutibilidade.

**BEIJO NA
BOCA
DE LÍNGUA
04 AM - 07 PM
são paulo, sp**

[fig 25]

Fiz a tela com o escrito “BEIJO NA BOCA DE LÍNGUA 4AM - 7PM SÃO PAULO, SP” tomada pelo desejo do beijo na boca de língua, parecido com o que Sufjan Stevens disse em entrevista.

Eu amo beijar. Se eu pudesse beijar o dia todo, eu beijaria. Não consigo para de pensar em beijar. Eu gosto de beijar mais do que sexo pois beijo não tem fim. Você pode beijar para sempre. Você pode beijar até se esquecer. Você pode beijar o corpo todo. Você pode beijar até dormir. E quando acordar, você não consegue parar de pensar em beijar. Merda, não consigo fazer nada porque estou ocupado pensando em beijar. Beijar é loucura! mas é um paraíso se você encontra quem beija bem.² (Stevens, 2014)

Queria espalhar essa mensagem para todo lugar e toda pessoa, beijem na boca, aqui está o horário e local marcado, beijem. Reproduzir essa mensagem com a serigrafia foi o meio mais rápido e amplo que conhecia. Uma vez feita, agora, precisava espalhar a palavra do beijo na boca de língua.

Mas o que é mais uma no campo de imagens que somos bombardeados constantemente hoje em dia? quando a arte, por seus vários métodos de reprodução, chega nos meios de comunicação social, a publicidade começa a ditar as necessidades do mercado consumidor por meio das representações gráficas. Se as teorias da comunicação já foram (e são) usadas para estetização da guerra e a indignação e o sofrimento são suficientes para mobilizar e atrair a atenção, qual potência existe no amor?

Essa é uma pergunta que me faço a dois anos, quando comecei a pesquisar o amor como uma pedagogia do fim do mundo, ao encontrar o amor através da minha experiência prática no ensino de arte e ver, nessa força, a possibilidade de fundar novos mundos. As respostas para tal pergunta seguem um ritmo sazonal de expansão e contração, como cada ser vivo se faz no mundo. As vezes é fácil encontrar múltiplos projetos de criação com a convocação coletiva de construir novas paisagens para viver, outras, o abalo violento cansa os corpos que precisam descansar. Quero dizer, o amor pode ser tão fácil ou tão difícil de se encontrar no cerne do movimento, precisamos aproveitar os momentos de amor para atrair o movimento, mas não posso ignorar o desequilíbrio que nós vivemos, como Anna Tsing pontua “O progresso é uma marcha para frente, que arrasta outras modalidades de tempo para o interior de seus ritmos. Se não fôssemos conduzidos por sua pulsação, poderíamos notar outros padrões de temporalidade.” (2022, p.65).

2. Tradução livre do original: *I love kissing. If I could kiss all day, I would. I can't stop thinking about kissing. I like kissing more than sex because there's no end to it. You can kiss forever. You can kiss yourself into oblivion. You can kiss all over the body. You can kiss yourself to sleep. And when you wake up, you can't stop thinking about kissing. Dammit, I can't get anything done because I'm so busy thinking about kissing. Kissing is madness! But it's absolute paradise, if you can find a good kisser.*

E quanto a usar uma técnica modulada para a produção em massa, de rápida tiragem e disseminação para criar uma dilatação dessa temporalidade frenética? As letras grandes e grossas chamam a atenção do leitor para a “BOCA” “BEIJO” “LÍNGUA”, quando? das quatro horas da manhã até as sete da noite, aonde? na cidade de São Paulo. O convite/ aviso evoca um encontro, uma reunião entorno do amor, da troca e da partilha entre dois ou mais corpos.

Eis que começo a falar de Viva las DJs, obra de Lady Letal, artista que pesquisa através da música, cultura pop e vida urbana, para criar um repertório visual que tange o virtual, suas obras variam entre instalações visuais, escultura e moda. Um perfil social no Instagram compartilha registros e reproduções de Viva las DJs como instalação em festas, imagens em discos, exposições e roupas. Podemos encontrar o coração apaixonado de Lady Letal muitas vezes em espaços de celebração, onde arte e festa se encontram. Além da frase “Viva las DJs” os desdobramentos da pesquisa da obra criou outras declarações, essas também reproduzidas por diferentes suportes, como: “Adoro DJs”; “A DJ nos fez se apaixonar essa noite” e “Essa noite a DJ salvou minha vida”. A bio do perfil tem uma descrição curta e sensível “uma homenagem”.

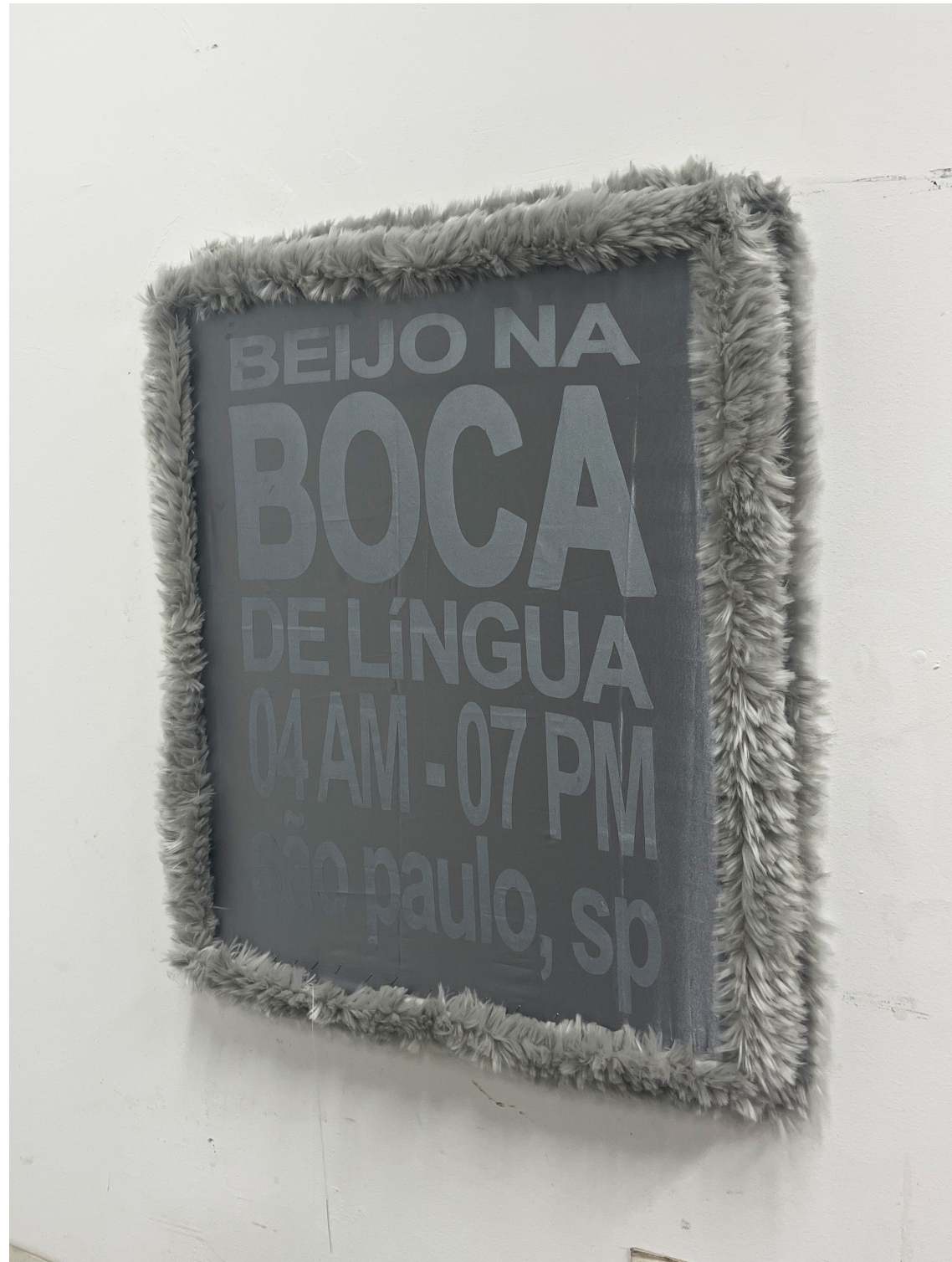


[fig 26]

E o que é uma homenagem? de forma geral, homenagem é uma retribuição ao valor reconhecido de algo ou alguém, é um ato antigo, comumente realizado por rituais para deuses, guerreiros e mortais. Existem duas páginas da Wikipédia debruçadas sobre o termo Homenagem, a primeira traz conceitos de retribuição, valor e ritual, equivalente acima, a outra página intitulada *Homage (arts)* refere-se ao uso do termo homenagem entre (parênteses) as artes. De pronuncia similar ao francês *Hommage* (Ômáji) “O termo regularmente usado nas artes, onde um autor ou artista demonstra respeito a outro similar por alusão ou imitação” (Contribuidores Wikipédia, 2024). Junto à pista e a dança coletiva, Viva las DJs é exatamente a celebração que condiciona o encontro, corpos juntos em uma homenagem às DJs.

Voltemos à Benjamin pois encontrei uma das coisas que buscava “A obra de arte reproduzida é cada vez mais a reprodução de uma obra de arte criada para ser reproduzida” (1938, p.171). Beijo na boca de língua e Viva las DJs condicionam o encontro a partir da expansão através de existências múltiplas. Vejo a possibilidade do encontro na mensagem carregada pelas palavras e também na técnica que permite a reprodução ir ao encontro do espectador.

Pensar sobre beijo na boca de língua na era da reprodutibilidade técnica talvez seja considerar a força do encontro e amor nas relações coletivas. Numa cultura onde artista, conteúdo e técnica se misturam em mercadorias, ninguém se importa sinceramente com a forma, assim tudo é mais genérico, mais chamativo. E o simples e amoroso ato de desfrutar da arte torna-se desvalorizado. Ao mesmo tempo, não estamos mais em uma era de reprodutibilidade técnica ou junto à reprodutibilidade técnica muita coisa foi agregada. Vivemos uma era de hipervisibilidade em consciência ansiosa, percebo que não se trata de eras opostas, criada a partir da queda da anterior e que a hipervisibilidade corresponde a mais eixos sócio-culturais além da arte. Um dos meios que encontrei de compartilhar o amor dentro dessa cultura é partilhar mensagens que retomem o encontro, a presença e o desejo.



[fig. 27]



[fig 28]

4 Imagens de amor

Autobiografia do vermelho é um romance de Anne Carson
 escrito de versos restantes do poema de Estesícoro sobre Gerião monstro
 alado vermelho da mitologia grega
 vivia sossegadamente na ilha Eriteia
 até ser morto pelo herói Héracles e seu gado vermelho capturado.
 Na versão moderna, Gerião cresce
 da infância até vida adulta e
 vira um fotógrafo, equilibrando
 sua monstruosidade
 autobiografia e amor não correspondido por Héracles.
 No meio da história, sua autobiografia
 toma forma de um ensaio fotográfico (photo-essay),
 também é a primeira vez que Héracles termina com Gerião.
 O capítulo termina com a descrição
 da página respectiva em um período futuro indeterminado.
 “Na autobiografia de Gerião
 esta página mostra uma foto do risinho vermelho de um
 coelho amarrado com uma fita branca.
 Ele a intitulou “Com ciúmes de minhas pequenas
 sensações”.” (Carson, 2021. p.73)
 Gerião marca o trauma do término com congelamento
 temporal de seu amor evocando uma experiência sinestésica entre visão e som.
 Porém, a relação entre narrativa e fotografia, é mais explícita nos capítulos finais quando
 Gerião, Héracles, Ancash e sua mãe partem
 em uma viagem pelos Andes.
 Nas páginas 166, 167, 169, 170, 172 e 174
 os capítulos descrevem imagens que desenrolam-se
 no momento da captura fotográfica por Gerião
 ou não.
 Isso porque na página 178
 XLVI. FOTOGRAFIAS: #1748
 é uma fotografia que ele nunca
 tirou.

O que sabemos da viagem além
 das imagens é “Gerião manteve
 a câmera na mão e falou pouco. Estou desaparecendo, ele
 pensou
 mas as fotografias valeram a pena.
 Um vulcão não é uma montanha como as outras. Levar
 uma câmera ao rosto tem efeitos
 que ninguém pode calcular de antemão.” (Carson, 2021. p.164)

Agora, sentada na minha cama,
 penso se Gerião revelou em seu
 quarto escuro as 1747 fotografias e
 escolheu
 menos a #1748 para não ser revelada.
 Essa talvez seja a única fotografia que vemos Gerião
 voando e o topo da cratera do vulcão Icchantikas.
 Ou talvez
 Gerião não tirou fotografia alguma.
 “Baixa os olhos
 para o terroso coração do Icchantikas despejando todos os
 seus fótons pelo olho ancestral e sorri para
 a câmera: “O único segredo que as pessoas guardam”.” (Carson, 2021. p. 179)
 Gerião olha para o coração do vulcão
 em cima de sua cratera.
 O coração do Icchantikas olha para Gerião por sua cratera.
 Fótons despejados pelo olho ancestral.
 Não fica claro se as fotografias descritas nos capítulos finais estão na autobiografia de
 Gerião.
 Elas definem sentimentos internos, pessoas em sua volta e lugares que Gerião ocupa
 Sua autobiografia e sua curiosidade em si está no outro,
 ele se descobre descobrindo o outro.
 Gerião usa da fotografia para lidar com seu senso monstruoso
 As construções verbais de Anne Carson formam fotografias.
 Ambos jogam com presença e ausência.

Em Tongues Untied (1989) foi
Essex Hemphill que disse
“Agora pensamos enquanto transamos”.
Há secção do pensamento diante do sexo.
Tregar agora é pensar
em morte e dor
uma linha ansiosa invade
o corpo hesita.

Agora pensamos enquanto transamos
se jorrar pode
nos matar
Pode ser um
buraco do tamanho de uma agulha
na camisinha.
Um furo letal,
paramos de beijar.
Alto, negro, estranho
chupando bigodes
encostando lábios,
línguas
em todo lugar.
Retornamos para fotografias, ligações, brinquedos.
Amante recentes, vidas íntimas.
Agora pensamos enquanto transamos
se jorrar pode...
se jorrar pode...
se jorrar pode...
nos matar.³ (Memphill, 1989. 47:33)

“Héracles limpa lágrimas do rosto de Gerião
com uma mão. Você não consegue só tregar e não pensar?”
(Carson, 2021. p.173).
Como não pensar se ser com você é dor
iminente nóia autorrefletida?
O destino de Gerião é a morte por Héracles.
Mas até o fim do livro ele não morre
ou morre?

3. Trad. livre do original “Now we think as we fuck/ this nut might / kill us / There might be / a pin sized hole / in the condom / A lethal leak / we stop kissing / Tall dark strangers / sucking mustaches / puttig lips / tongues / everywhere / We return to pictures, telefones, toys / recent lovers, private lives / Now we think as we fuck / this nut might / this nut might / this nut might / kill us”

Há quem considera a fotografia uma morte:
Susan Sontag (2004) traça uma analogia entre morte e fotografia quando diz “Hoje, tudo existe para terminar em uma foto”

Retornamos para fotografias, ligações, brinquedos.
Amante recentes, vidas íntimas. (Memphill, 1989. 47:33)

Retomamos para quais fotografias?
“Normalmente se existe alguma distância (...) aquilo que uma foto “diz” pode ser lido de várias maneiras. Cedo ou tarde lê-se na foto aquilo que ela deveria estar dizendo” (Sontag, 2003. p.28)
Seja a foto entendida como um objeto ingênuo
ou como a obra sensual de um artifice,
seu significado depende de como a imagem é identificada ou erroneamente identificada,
ou seja, depende das palavras.
Pensava em palavras quando existia em silêncio.
Sendo o assunto que mais rodeava minha cabeça, logo ignorei.



[fig 29]

5 Conclusão

Entre os caminhos traçados ao longo do processo de realização deste trabalho, seja nas normas acadêmicas aplicadas ou com os exercícios de escrita, a palavra — que tomei muito gosto ultimamente — é uma potente ferramenta de comunicação. Próxima ao fim da graduação, do ano e da pesquisa me parece digno deixar as imagens aparecerem, assim, as Considerações finais apresentam imagens em expansão da minha atual produção artística. Em uma tentativa de me comunicar, dizer.



Da esquerda para direita:

[fig 30]

[fig 31]

[fig 32]

[fig 33]



Da esquerda para direita:
 [fig 34]
 [fig 35]
 [fig 36]
 [fig 37]
 [fig 38]
 [fig 39]

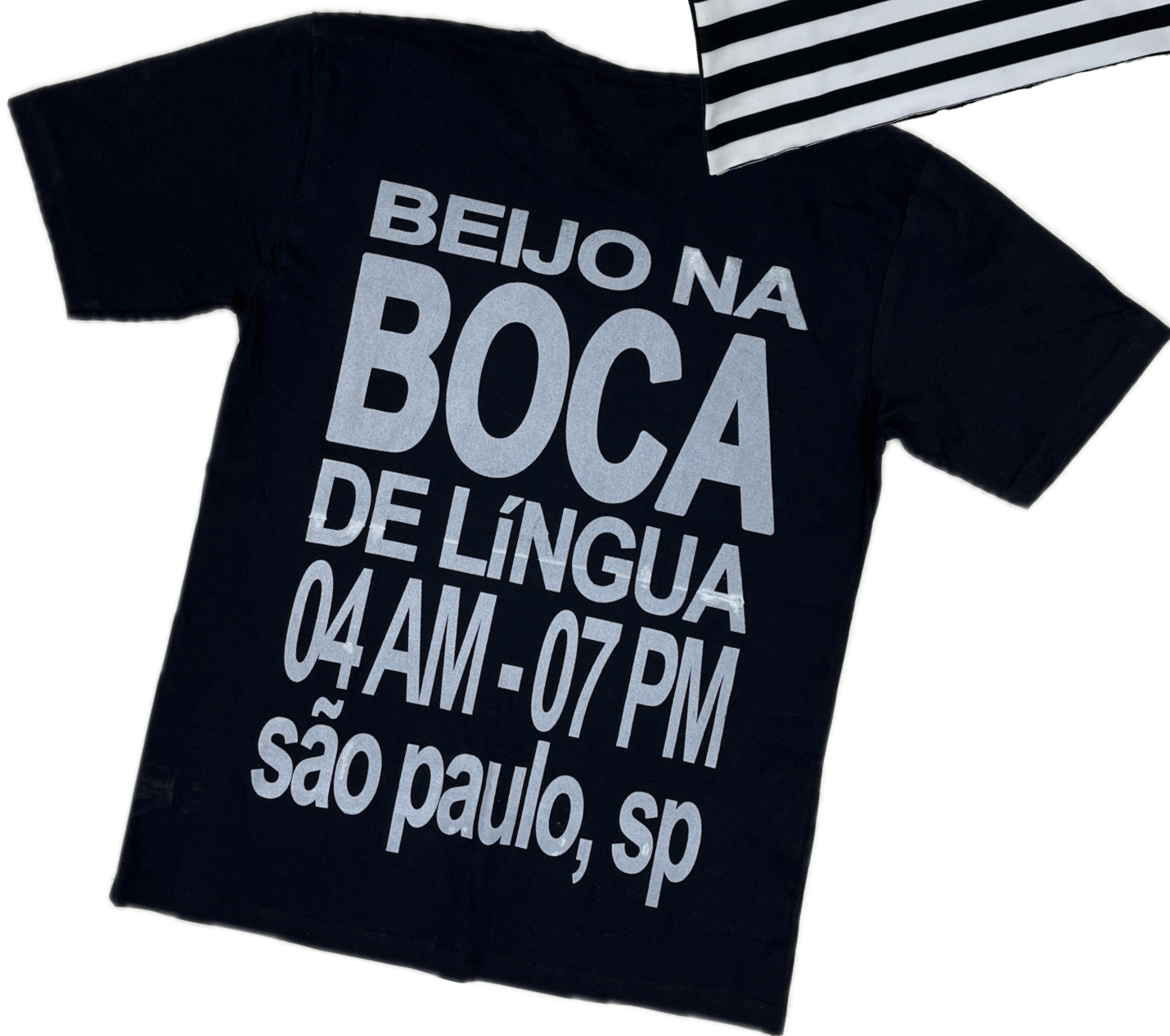
Da esquerda para direita:

[fig 40]

[fig 41]

[fig 42]

[fig 43]



Referências

ANZÁLDUA, Gloria. **Falando em línguas**: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. Rev. Estudos Feministas, Florianópolis, v.08, n.01, p. 229-235, 2000.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. In: Obras escolhidas I. São Paulo: Brasiliense, 1987

CARSON, Anne. **Autobiografia do vermelho**. 1º ed. São Paulo: Editora 34, 2021, 192 p.

CHKLÓVSKI, Viktor. **Arte como procedimento**. Trad. de David G. Molina. RUS - Revista de literatura e cultura Russa. v. 10 n. 14. p. 153-176, 2019. Disponível em: <https://revistas.usp.br/rus/article/view/153989>. Acesso em: 03 nov de 2025.

HAN, Byung-Chul. **No enxame**: perspectivas do digital. Petrópolis: Vozes, 2018. 134 p.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. 128 p.

LÊ O QUE VC VÊ e PARAR de se EXPLICAR [por] RODRIGUES, B. S. [S. l.: s. n], 2024. 1 vídeo (07:34 min.).

MARTINS, L. Maria. **Performances do tempo espiralar**: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

OFFLINE, Dani. *Everyone wants to be a DJ, no one wants to dance* [Todo mundo quer ser DJ, mas ninguém quer dançar]. Substack, 2025. Trad. por Andrey Santiago. Disponível em: <https://danioffline.substack.com/p/everyone-wants-to-be-a-dj-no-one>. Acesso em: 3 nov de 2025.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009. 207 p.

RODRIGUES, B. S. **Amor como pedagogia do fim do mundo**. Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rita Luciana Berti Bredariolli. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Artes Visuais) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes. São Paulo, 2024.

SILVA, M. F. da. **“Voltar atrás”**: uma contemplação sobre o pássaro e o adinkra sankofa na cultura afro-brasileira. NHENGATU Revista ibero-americana para Comunicação e Cultura contra-hegemônicas. São Paulo, v. 1, n 07, p.01-20, 2023.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003

SONTAG, Susan. **Sobre a fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004

STEVENS, Sufjan. Entrevista concedida a Evan Minsker. Pitchfork,2014. Disponível

em: <https://pitchfork.com/news/55894-sufjan-stevens-robyn-hot-chip-blood-orange-phosphorescent-on-arthur-russell-tribute>. Acesso em: 3 nov de 2025

TONGUES UNTIED [Línguas desatadas] [por] Marlon Riggs [S. l.: s. n], 1989. 1 vídeo (55 min).

TSING, Anna Lowenhaupt. **Artes de notar** In O cogumelo no fim do mundo: Sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo. São Paulo: n-1 edições, 2022, 412 p.

Homage (arts). In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. [São Francisco, CA: Wikimedia Foundation, 2016].Disponível em: [https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Homage_\(arts\)&oldid=1217471577](https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Homage_(arts)&oldid=1217471577). Acesso em: 27 out. 2025.

HOMENAGEM. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. [Flórida: Wikimedia Foundation, 2025]. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Homenagem&oldid=71175015>. Acesso em: 27 out. 2025.

Créditos das ilustrações

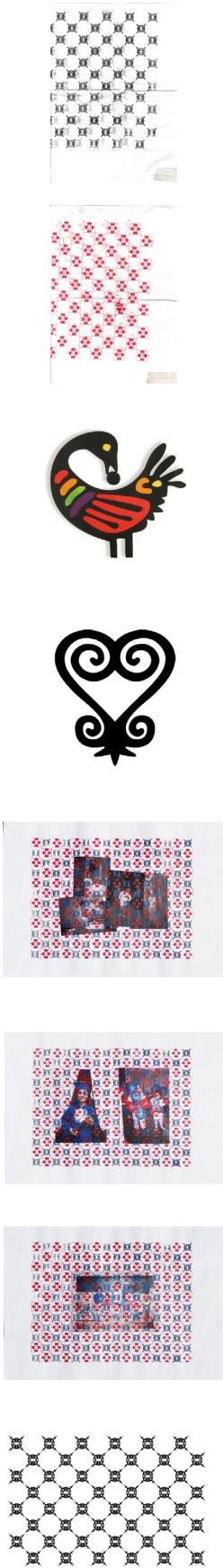


FIGURA 1: Fonte: Autora, 2023.
Título: Amor, 2022. Recorte de serigrafia sobre papel, 210x297mm

FIGURA 2: Fonte: Autora, 2023.
Título: Saudade, 2022. Recorte de serigrafia sobre papel, 210x297mm

FIGURA 3: Fonte: SILVA, 2023.
Título: Representação Ideográfica de Sankofa como Pássaro

FIGURA 4: Fonte: SILVA, 2023.
Título: Representação Ideográfica de Sankofa como Coração

FIGURA 5: Fonte: Autora, 2023.
Título: Memória I, 2023. Serigrafia sobre impressão, 297x420mm

FIGURA 6: Fonte: Autora, 2023.
Título: Memória II, 2023. Serigrafia sobre impressão, 297x420mm

FIGURA 7: Fonte: Autora, 2023.
Título: Memória III, 2023. Serigrafia sobre impressão, 297x420m

FIGURA 8: Fonte: Autora, 2023.
Título: Amor, 2022. Fotolito, 210x297mm

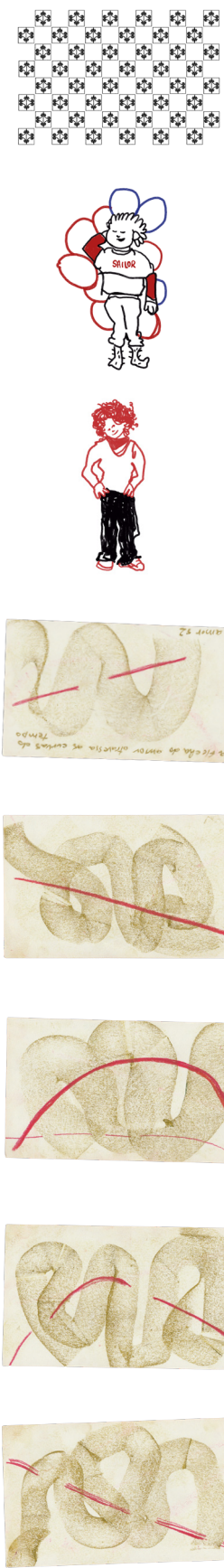


FIGURA 9: Fonte: Autora, 2023.
Título: Saudade, 2022. Fotolito, 210x297mm

FIGURA 10: Fonte: Autora, 2023.
Título: Eu II, 2023. Fotolito 3 cores, 297x180mm

FIGURA 11: Fonte: Autora, 2023
Título: Saudade, 2022. Recorte de serigrafia sobre papel, 210x297mm

FIGURA 12: Fonte: Autora, 2024.
Título: Amor flecha as curvas do tempo I. Giz pastel em papel offset. 297x420 mm

FIGURA 13: Fonte: Autora, 2024.
Título: Amor flecha as curvas do tempo II. Giz pastel em papel offset. 297x420 mm

FIGURA 14: Fonte: Autora, 2024.
Título: Amor flecha as curvas do tempo III. Giz pastel em papel offset. 297x420 mm

FIGURA 15: Fonte: Autora, 2024.
Título: Amor flecha as curvas do tempo IV. Giz pastel em papel offset. 297x420 mm

FIGURA 16: Fonte: Autora, 2024.
Título: Amor flecha as curvas do tempo V. Giz pastel em papel offset. 297x420 mm



FIGURA 17: Fonte: Autora, 2024. Amor flecha as curvas do tempo VI. Giz pastel em papel offset. 297x420 mm



FIGURA 18: Fonte: Autora, 2024. Amor flecha as curvas do tempo VII. Giz pastel em papel offset. 297x420 mm



FIGURA 19: Fonte: Autora, 2024. Amor flecha as curvas do tempo VIII. Giz pastel em papel offset. 297x420 mm

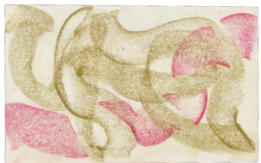


FIGURA 20: Fonte: Autora, 2024. Amor flecha as curvas do tempo IX. Giz pastel em papel offset. 297x420 mm

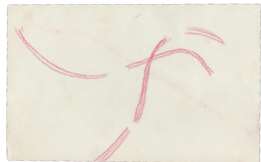


FIGURA 21: Fonte: Autora, 2024. Amor flecha as curvas do tempo X. Giz pastel em papel offset. 297x420 mm



FIGURA 22: Fonte: Autora, 2024. Amor flecha as curvas do tempo XI. Giz pastel em papel offset. 297x420 mm



FIGURA 23: Fonte: Autora, 2024. Amor flecha as curvas do tempo XII. Giz pastel em papel offset. 297x420 mm

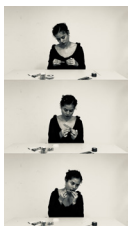


FIGURA 24: Fonte: Autora, 2024. Lê o que vc vê e parar de se explicar, 2024. Captura de vídeo.

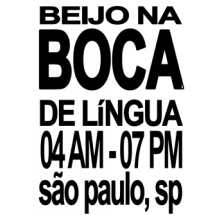


FIGURA 25: Fonte: Autora, 2025. Título: Beijo na boca de língua, 2025. Fitolito, 600x800 mm



FIGURA 26: Fonte: Festa Beco Elétrico, 2024. Título: Reprodução Viva las DJs na Festa Beco Elétrico em 2024



FIGURA 27: Fonte: Autora, 2025. Título: Beijo na boca de língua, 2025. Serigrafia sobre tecido em chassi de madeira, 600x800 mm



FIGURA 28: Fonte: Autora, 2025. Título: Beijo na boca de língua, 2025. Serigrafia sobre tecido em chassi de madeira, 600x800 mm



FIGURA 29: Fonte: Autora, 2025. Título: Agora pensamos enquanto transamos, 2025. Fitolito, 280x170 mm



FIGURA 30: Fonte: Autora, 2025. Título: Agora pensamos enquanto transamos, 2025. Serigrafia sobre poliéster, 280x170mm



FIGURA 31: Fonte: Autora, 2025. Título: Agora pensamos enquanto transamos, 2025. Serigrafia sobre poliéster, 280x170mm



FIGURA 32: Fonte: Autora, 2025. Título: Dollz Mania, 2025. Serigrafia sobre algodão, 297x420mm



FIGURA 33: Fonte: Autora, 2025.
Título: Agora pensamos enquanto transamos, 2025. Fotolito, 280x170 mm

FIGURA 34: Fonte: Autora, 2025.
Título: Agora pensamos enquanto transamos, 2025. Serigrafia sobre poliéster, 280x170 mm

FIGURA 35: Fonte: Autora, 2024.
Título: Composição Para Ike, 2024. Serigrafia sobre tecido, 790x640 mm

FIGURA 36: Fonte: Autora, 2024.
Título: Composição Para Ike, 2024. Serigrafia sobre tecido, 790x640 mm

FIGURA 37: Fonte: Autora, 2024. Título: Composição Eu I e II, 2024. Serigrafia sobre tecido, 640x545 mm

FIGURA 38: Fonte: Autora, 2024.
Título: Eu I Para Maria, 2024. Serigrafia sobre tecido, 475x460 mm

FIGURA 39: Fonte: Autora, 2025.
Título: Agora pensamos enquanto transamos, 2025. Serigrafia sobre poliéster, 280x170 mm

FIGURA 40: Fonte: Autora, 2025.
Título: Beijo na boca de língua, 2025. Serigrafia em algodão, 600x800 mm



FIGURA 41: Fonte: Autora, 2025.
Título: Agora pensamos enquanto transamos, 2025. Serigrafia sobre poliéster, 280x170 mm

FIGURA 42: Fonte: Autora, 2025.
Título: Beijo na boca de língua, 2025. Serigrafia em algodão, 600x800 mm

FIGURA 43: Fonte: Autora, 2025.
Título: Dollz Mania, 2025. Serigrafia sobre algodão, 297x420 mm